



## Características da produção e perfil socioeconômico dos agricultores participantes da Feira Livre de Ilha Solteira-SP

Rodrigo Castilho Freitas<sup>1</sup>  
Antonio Lázaro Sant'Ana<sup>1</sup>

**Resumo:** As feiras livres apresentam-se como uma forma de comercialização tradicional e consolidada, constituindo-se em um importante circuito curto de comercialização para os agricultores familiares. O objetivo deste trabalho consistiu em descrever e analisar aspectos da diversidade da produção e do perfil socioeconômico dos agricultores que comercializam na Feira Livre de Ilha Solteira-SP, que ocorre semanalmente aos domingos. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário que levantou dados socioeconômicos dos agricultores feirantes, características gerais do estabelecimento, tipo e diversidade da produção, outras formas de comercialização utilizadas e o percentual de renda obtido com a produção e a comercialização na Feira. A análise dos dados obtidos evidenciou que os produtores que participam da referida Feira Livre se caracterizam como agricultores familiares que utilizam, de forma predominante, circuitos curtos de comercialização, por meio de venda direta ao consumidor. A ampla diversidade da produção local (vendem 145 produtos na Feira Livre) possibilita que os consumidores tenham uma alimentação de qualidade, sendo imprescindível que políticas públicas de apoio a estes agricultores sejam aplicadas e fortalecidas para que a população tenha cada vez mais acesso a alimentos saudáveis.

**Palavras-chave:** Diversidade de produção e comercialização; Circuitos Curtos de Comercialização; Geração de renda; Agricultura familiar.

### Production characteristics and socioeconomic profile of farmers participating in the Free Fair of Ilha Solteira-SP

**Abstract:** Free fairs are a traditional and consolidated form of marketing, constituting an important short supply chain for family farmers. The objective of this work was to describe and analyze aspects of the diversity of production and the socioeconomic profile of farmers who sell at the Feira Livre in Ilha Solteira-SP, which takes place weekly on Sundays. Data collection was carried out through the application of a questionnaire that collected socioeconomic data from the market farmers, general characteristics of the establishment, type and diversity of production, other forms of commercialization used and the percentage of income obtained from production and sale at the Feira Livre. The analysis of the data obtained showed that the producers who sell at the Feira Livre de Ilha Solteira-SP are characterized as family farmers, with the main form of marketing occurring in short supply chains through direct sales to the consumer. The wide diversity of local production (145 products sold at the Feira Livre) allows consumers to have quality food, and it is essential that public policies are applied and strengthened so that the population has increasing access to healthy foods.

**Keywords:** Production and commercialization diversity; Short Food Supply Chains; Income generation; Family farming.

<sup>1</sup>Universidade Estadual Paulista-UNESP, Brasil. \*Autor correspondente: [rodrigocfreitas@usp.br](mailto:rodrigocfreitas@usp.br)

## Introdução

As feiras livres representam uma importante possibilidade de participação econômica e social de assentados de reforma agrária e de agricultores familiares tradicionais. Além de serem relevantes como meio de comercialização para estes indivíduos, são valiosas enquanto local de preservação de relações socioculturais, constituindo um espaço de socialização, sobretudo sendo um espaço público, socioeconômico, cultural, dinâmico e que possibilita a preservação da autonomia dos agricultores e o fortalecimento e interação entre os saberes locais (PEREIRA *et al.*, 2017; GODOY; ANJOS, 2007).

Uma vez que os produtos chegam até estes com informações acerca de sua origem, em muitos dos casos sendo comercializados diretamente pelo produtor, as feiras livres são positivas para os consumidores, sendo caracterizadas como um tipo de Circuito Curto de Comercialização (CCC), sendo que estes incluem outras formas de comercialização das quais os agricultores familiares podem se utilizar, como articulação de CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura), políticas públicas como o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) (RETIÈRE, 2014), associações e cooperativas de produtores, comercialização diretamente nas propriedades rurais, entrega em domicílio, em restaurantes, varejo local e em lojas virtuais (ROVER; DAROLT, 2021).

Este trabalho teve como foco a Feira Livre de Ilha Solteira-SP, município localizado na região Noroeste do Estado de São Paulo-SP, com população estimada de 26.886 pessoas (IBGE, 2021). A agricultura familiar representa 83,6% de estabelecimentos do município, portanto 286 estabelecimentos, distribuídos por uma área aproximada de 35.506 ha. As atividades agropecuárias mais representativas no município são pecuária bovina, lavouras temporárias (especialmente a cana-de-açúcar), horticultura e lavouras permanentes (IBGE, 2017).

O objetivo do presente estudo foi descrever e analisar os aspectos da diversidade da produção e do perfil socioeconômico dos agricultores feirantes participantes da Feira Livre de Ilha Solteira-SP, oriundos, em sua maioria, dos assentamentos rurais implantados no município: o Cinturão Verde, o Estrela da Ilha e o Santa Maria da Lagoa, mas há também a presença de agricultores do projeto Horta dos Aposentados e outras áreas rurais do município ou de municípios próximos. A Feira ocorre regularmente aos domingos entre 6h e 12h, em uma área coberta na altura do Passeio Caracol, na Avenida Brasil Norte.

## Agricultura familiar e circuitos curtos de comercialização.

Feiras são espaços importantes para a preservação de relações socioculturais e que permitem certa autonomia do agricultor. São também um importante

meio de comercialização de produtos da agricultura familiar, concomitante ao abastecimento de produtos de características locais, baratos e saudáveis, o que garante a soberania e segurança alimentar, significando ainda um espaço de socialização, identidade regional e cultural e de articulação política (PEREIRA *et al.*, 2017). Sua relevância pode ser resumida “no abastecimento direto de consumidores, na geração de renda para a população rural e na animação do comércio urbano” (ARAÚJO; RIBEIRO, 2018, p. 561).

Enquanto espaço que possibilita proximidade entre consumidores e produtores no ato da comercialização, seja com os próprios produtores atuando na venda ou com intermediários que obtêm os produtos diretamente com estes, as feiras livres são caracterizadas como Circuitos Curtos de Comercialização (CCC). Rover e Darolt (2021) caracterizam CCC como as formas de comercialização em que produto chega nas mãos do consumidor com informações que lhe permitam saber onde foi produzido (lugar), por quem (produtor) e de que forma (sistema de produção). Cassol e Schneider (2015) englobam os CCC como um elemento central do que chamam de redes agroalimentares alternativas, dado que formam redes de distribuição alimentar alternativas ao modo convencional, e conforme afirmam Rover e Darolt (2021), os CC são responsáveis por abastecer estas redes alternativas ou cidadãos.

Marsden *et al.* (2000) designam a ocorrência dos CCC em três modalidades, sendo estas a face a face, em que o consumidor adquire os produtos diretamente com o produtor; proximidade espacial (ou cadeias de proximidade espacial), que consiste em os produtos sendo originados e comercializados em mercados locais e regionais em que o consumidor conhece sua origem; espacialmente estendida, em que é feito saber aos consumidores a origem dos produtos por meio de certificação, por vezes por meio de selos. Ainda, CCC podem ser distinguidos em casos de venda direta, em que o produtor entrega seus produtos diretamente ao consumidor; e venda indireta através de um único intermediário, seja através de mercados locais, entrega em domicílio, associações e cooperativas (DAROLT *et al.*, 2013). O caso das feiras livres é caracterizado mais comumente pela modalidade face a face e por venda direta, contando com os intermediários que atuam, há ainda a venda indireta.

Schneider e Ferrari (2015) destacam que CCC se caracterizam enquanto alternativas a partir de três dimensões, as espaciais, sociais e econômicas. Espacial se refere a promover redução da distância dos alimentos entre produtor e consumidor; social se deve à promoção do contato face a face, estabelecendo-se nas relações socioculturais a confiança entre produtor e consumidor; econômica devido a possibilidade de obter maior valor na venda de seus produtos nos mercados locais criados. Para fortalecer os CCC e a integração com o consumidor, Retière (2014) observa que os produtores buscam a diversificação dos produtos vendidos, valendo-se de três estratégias, sendo

estas a diversificação da produção nos sistemas agrícolas; o processamento e beneficiamento de alimentos; e a complementação da gama de produtos recorrendo a intermediários.

Uma vez que os circuitos curtos de comercialização e, especialmente, as feiras livres permeiam o universo da agricultura familiar, é necessário abordar esta temática. Diferente dos CCC, a agricultura familiar possui uma definição prevista na legislação brasileira, de modo que os caracterizados como agricultores familiares precisam atender simultaneamente aos seguintes requisitos:

[...] não detenha mais que quatro módulos fiscais, utilize predominantemente mão de obra de sua própria família em suas atividades econômicas, tenha renda familiar predominantemente de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento e dirija o seu estabelecimento com a família (BRASIL, 2006).

Schneider e Cassol (2013) e Del Grossi (2019) destacam que a afirmação institucional mais relevante entre 1996 e 2006, e potencialmente de todo o histórico da agricultura familiar no Brasil é a aprovação desta Lei 11.326, de 24 de julho de 2006 (BRASIL, 2006), também conhecida como Lei da Agricultura Familiar (DEL GROSSI; MARQUES, 2010). Extrativistas, povos indígenas e integrantes de comunidades remanescentes de quilombos rurais podem também ser beneficiários desta lei, atendendo aos requisitos previstos e eventuais legislações específicas (DEL GROSSI, 2019). O segmento é significativo ao apresentar função ambiental, econômica e social, tendo como objetivo a diversificação de cultura na produção, buscando permitir abastecimento alimentar e renda ao longo de todo o ano (CARVALHO; GROSSI, 2019).

Atualmente no Brasil, conforme o Censo Agropecuário 2017, a agricultura familiar é representada por 77% dos estabelecimentos rurais do país, ocupam 23% da área total e são responsáveis também por 23% da produção agropecuária do país (IBGE, 2019). Del Grossi (2019) avalia que a agricultura familiar representa dois terços (2/3) das ocupações no campo, uma vez que é um segmento com uso intensivo de mão de obra em suas atividades agropecuárias (12,5 pessoas ocupadas por cada 100ha), em contrapartida a agricultura não familiar emprega somente 1,8 pessoas por 100ha. Quanto ao valor da produção por hectare, os dois segmentos se equivalem, sendo que o familiar produz em média R\$ 132,00/ha, enquanto o não familiar apresenta média de R\$ 133,00/ha (DEL GROSSI, 2019).

A produção da agricultura familiar comumente contribui na comercialização e obtenção de renda (GRISA *et al.*, 2010), mas sem reduzir o autoconsumo, o que está associado ao potencial de autonomia para o autoabastecimento

alimentar, concomitante a segurança alimentar (MALUF, 2007). A agricultura familiar, definida enquanto um modo de vida, destaca-se por ser capaz de promover a segurança alimentar, a geração de emprego e renda, a mitigação da pobreza, a conservação da biodiversidade e a preservação das tradições culturais (LIMA *et al.*, 2019).

Uma vez que a agricultura familiar possibilita segurança alimentar nas unidades familiares, com a mercantilização de sua produção é possível também partilhar desta segurança alimentar com os consumidores, uma vez que estes conhecem acerca do local e modo de produção dos alimentos, bem como podem adquirir alimentos com valor acessível, convergindo a importância da agricultura familiar, circuitos curtos e segurança alimentar (DAROLT *et al.*, 2013; PEREIRA *et al.*, 2017). A partir de práticas alimentares promotoras da saúde e que respeitam a diversidade cultural, além de serem sustentáveis nas dimensões ambiental, cultural, econômica e social, portanto, circuitos curtos potencializam a segurança alimentar de agricultores e consumidores (RAMBO *et al.*, 2019).

Apesar da recente diversificação de estratégias de comercialização da produção em circuitos curtos (ROVER; DAROLT, 2021), desde os últimos 50 anos as feiras encerram o espaço predominante para a comercialização de produtos da agricultura familiar, aliado à venda para intermediários (ANJOS; BECKER, 2014). As feiras livres são adotadas como canal de comercialização que permite contato direto com o consumidor e ausência (ou redução) de intermediários, associado aos fatores de barganha, perecibilidade e logística (CARVALHO; GROSSI, 2019). Portanto, as feiras são importantes para os agricultores familiares enquanto uma alternativa de renda (VIEIRA, 2017), assim como no aspecto da possibilidade de interação e socialização com os consumidores (FONTANA; LIMA, 2018; RAMBO *et al.*, 2019).

A comercialização em feiras, por parte dos agricultores familiares, aliado à frequência e intimidade com os consumidores, incorpora no cotidiano a diversidade regional e as tipicidades do espaço onde funciona (SPECHT *et al.*, 2018). Feiras possuem a primazia de preservar relações socioculturais, fortalecerem laços e saberes locais, indo muito além do abastecimento de produtos com características locais, saudáveis e com preços acessíveis, destacando-se enquanto espaço de socialização, identidade regional e cultural, bem como de articulação política (PEREIRA *et al.*, 2017).

## Metodologia

O interesse desta pesquisa é de caracterizar os agricultores que comercializam na Feira Livre de Ilha Solteira-SP quanto aos aspectos socioeconômicos deste conjunto de agricultores e a diversidade de produção.

O município de Ilha Solteira faz parte da Microrregião Geográfica de Andradina e da Mesorregião de Araçatuba, no noroeste do Estado de São Paulo (IBGE, 2020). Possui uma área de 652,64 km<sup>2</sup> (IBGE, 2022), população estimada de 26.886 pessoas, conforme o último Censo Demográfico (IBGE, 2021) e PIB *per capita* de R\$24.339,08, enquanto a média do Estado de São Paulo é de R\$52.009,94 (IBGE, 2019).

Os agricultores do município estão distribuídos majoritariamente pelos assentamentos, sendo estes o Assentamento Estrela da Ilha, o Assentamento Santa Maria da Lagoa, e o Assentamento Cinturão Verde, além de pequenas áreas rurais denominadas rocinhas familiares, e pelo Projeto Horta dos Aposentados. Estes espaços foram implantados ao longo da história do município, o Cinturão Verde, criado pela CESP (Companhia Energética de São Paulo) em 1984, e que inicialmente era composto de 90 lotes; enquanto os outros dois assentamentos, ambos instalados em 2005, são resultado da luta pela terra na região. O Estrela da Ilha é composto por 209 lotes, e o Santa Maria da Lagoa, com 75 lotes, conforme informado por Froes e Sant'Ana (2019). A Horta dos Aposentados é um projeto que teve sua implantação em 1985, por meio de iniciativa da Associação dos Aposentados do município (MARTINS *et al.*, 2009).

A fim de constituir um conjunto de textos que embasassem a proposta do trabalho e possibilitassem a discussão dos resultados, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que conforme Andrade (2010), visa a atualização do conhecimento e é necessária para a delimitação do tema de pesquisa, o desenvolvimento do assunto e as considerações a serem realizadas. Como instrumento de coleta de dados, entrevistas são caracterizadas como “uma comunicação entre dois interlocutores, o pesquisador e o informante, com a finalidade de esclarecer uma questão” (CHIZZOTTI, 2017, p. 45), sendo definidas por Chizzotti (2017) como livre, estruturada ou semiestruturada. Gil (2019) afirma que a técnica de entrevista para a coleta de dados é recorrente na pesquisa em ciências sociais e possibilita a obtenção de diversos aspectos da vida social.

O questionário utilizado para a coleta de dados na presente pesquisa foi aplicado na forma de uma entrevista estruturada na grande parte de suas questões, com os sujeitos respondendo sobre perguntas específicas, mas dado a conjuntura de sua aplicação, há um espaço para observações que valoriza os discursos livres suscitados pelas perguntas-chaves e o necessário diálogo, constituindo-se assim em uma entrevista semiestruturada (CHIZZOTTI, 2017). Ainda, conforme orientação deste autor, este questionário foi testado, com agricultores os quais já havia sido estabelecida comunicação - “presumíveis informantes” - “para se identificar problemas de linguagem, de estrutura

lógica ou das demais circunstâncias que podem prejudicar o instrumento” (CHIZZOTTI, 2017, p. 56).

A Feira Livre de Ilha Solteira-SP ocorre regularmente aos domingos, entre 6h e 12h, em uma área coberta, construída e destinada a esta finalidade na altura do Passeio Caracol, na Avenida Brasil Norte (Figura 1). Os feirantes se distribuem em bancas fixas no local, espaço nomeado Feira Norte, fornecido pela Prefeitura do município.

**Figura 1** – Vista parcial de bancas e produtos de comercialização dos agricultores na Feira Livre de Ilha Solteira-SP.



Fonte: Próprios autores, 2022.

Assim, a Feira Norte conta com bancas fixas e numeradas, bem como banheiros e torneiras nas entradas para lavar as mãos, sendo disponibilizado sabão e álcool para higienização. Há uma parte central, em que estão as bancas fixas, mas agricultores que se inseriram mais recentemente na feira se instalam montando as próprias bancas em um espaço que inicialmente foi designado como estacionamento da Feira. Esta feira livre é considerada a principal forma de varejo local em que os agricultores atuam na comercialização direta de seus produtos reduzindo aspectos burocráticos (FURLAN JUNIOR *et al.*, 2012).

A coleta dos dados foi realizada entre maio e julho de 2021, a partir de questionários com perguntas abertas e fechadas, aplicados na forma de entrevista com os(as) produtores feirantes, totalizando 29 entrevistados(as). As perguntas selecionadas envolvem questões referentes aos(as) agricultores(as) quanto ao perfil socioeconômico, dados gerais do estabelecimento em que se dá a produção, diversidade de produção e aspectos da comercialização.

Os dados obtidos foram organizados em planilha, sistematizados e elaborados gráficos para melhor visualização e análise, realizada por meio de estatística descritiva (SILVESTRE, 2007), comparando os resultados com outros trabalhos científicos da mesma temática.

### Resultados e discussão

A partir das entrevistas e da organização das respostas coletadas, foi possível identificar o perfil dos agricultores que comercializam na Feira Livre de Ilha Solteira. A seguir são apresentadas as características destes sujeitos, discutindo-se alguns aspectos julgados relevantes.

Neste conjunto de feirantes, 55,2% são mulheres e 44,8% homens. No município de Jales-SP (Noroeste Paulista) foi encontrada predominância de agricultores do sexo masculino responsáveis pelo estabelecimento (NAKAO; SANTANA, 2020), mas estes agricultores estavam, em vários casos, acompanhados de suas esposas, as quais frequentemente são responsáveis pela comercialização na feira. Viegas (2016) observa em uma feira no Sul a maioria de bancas sendo constituída por casais que trabalham juntos, mas com o homem responsável pelo negócio. No presente estudo, observou-se, com alguma frequência, bancas constituídas por casais, porém com casos em que nenhum dos dois assume uma posição de liderança na comercialização, ou com mulheres responsáveis sozinhas pelas bancas. Garcia (1992) observa crescimento do número de feirantes mulheres no Nordeste na década de 1980, mas indica que a participação destas se limitava a setores de produtos alimentares considerados menos nobres, como farinha, cereais e carne, o que é distinto do presente caso. Nakao (2021) menciona que é frequente que as mulheres trabalhem diariamente com seus maridos nas atividades agropecuárias, além de exercer atividades domésticas e participar da comercialização de alimentos. Araújo e Ribeiro (2018) consideram o tema controverso e destacam diferenças entre produtos, regiões e épocas.

As faixas etárias e a escolaridade, em função de cada segmento etário, constam da Tabela 1. Quanto à faixa etária entre os agricultores predomina a de mais de 60 anos (62,1%), seguido de quase um quarto entre 40 a 50 anos (24,1%) encontrando-se baixo número de pesquisados (6,9%) mais jovens, com menos de 40 anos (Tabela 1). O perfil observado neste conjunto é distinto do encontrado

por Lima (2012), Viegas (2016) e Nakao (2021), nenhum destes estudos constatou percentual maior do que 30% para a faixa etária acima de 60 anos.

Já em relação à participação de jovens nas feiras, este é um aspecto semelhante ao observado por Nakao (2021) que aponta a ausência de agricultores com menos de 30 anos, o que a autora considera preocupante tendo em vista a participação, no futuro, desse segmento social nas feiras livres municipais. Ribeiro *et al.* (2024), a partir do contexto do Alto-Médio rio São Francisco, associam ao “milagrinho” – momento de aquecimento econômico da economia interna do Brasil entre os anos 2006 e 2010 – à intensificação do retorno de aposentados urbanos e uma ocupação pendular de jovens em comunidades rurais.

A maioria dos entrevistados não concluiu o Ensino Fundamental, perfil predominante entre os indivíduos acima de 50 anos. Menos de um quarto (20,7%) completou este nível de ensino, poucos completaram o Ensino Médio (17,2%) e somente um (3,4%) cursou o Ensino Superior, este que está na faixa etária de 20 a 40 anos (Tabela 1).

Esta característica do perfil dos agricultores em feiras livres é pouco debatida e apresenta quadros distintos em várias ocasiões. É incomum encontrar a presença de feirantes com ensino superior completo, ainda que tenha sido relatado por Vieira (2017). Constata-se a presença predominante de indivíduos com Ensino Fundamental incompleto, tal baixo índice de escolaridade afeta os agricultores, uma vez que podem enfrentar dificuldades para “incorporar algumas inovações que exigem conhecimentos e habilidades ligadas à educação formal” (NAKAO, 202).

Os estabelecimentos rurais em que se dá a produção estão distribuídos pelos assentamentos rurais Cinturão Verde (44,8%), Estrela da Ilha (13,8%), Santa Maria da Lagoa (10,3%) e assentamentos de outros municípios (6,9%); e pelas áreas Horta dos Aposentados (6,9%), “Rocinha Familiar” (6,9%) e outras áreas na zona rural (10,3%). Observa-se a participação expressiva na Feira Livre dos agricultores do Cinturão Verde, o assentamento rural mais antigo do município.

Estes feirantes, em sua maioria (82,8%), são residentes no estabelecimento rural em que produzem, sendo que cinco deles (17,2%) frequentam a área com a finalidade de cuidar da produção, mas residem na área urbana. Na maior parte dos casos, apenas duas pessoas residem no estabelecimento (34,5%) e este mesmo número trabalha com a produção (58,6%). Destacam-se ainda estabelecimentos em que seis pessoas residem (33,3%), mas em apenas um caso este é o número da mão-de-obra que trabalha no local. Estes valores destoam, devido ao fato de que em alguns casos os residentes não produzem no local, alguns dos membros da família possuem outras ocupações e porque há propriedades em que diaristas se somam à mão-de-obra familiar, o que ocorre em reduzida parte dos casos,

tal qual foi observado também por Viegas (2016), relevante para compreender a predominância da agricultura familiar entre os pesquisados.

**Tabela 1** – Distribuição em função da faixa etária (nº de indivíduos e percentual), em função da escolaridade correspondente (%), dos agricultores pesquisados no município de Ilha Solteira-SP.

Faixa etária (anos)	Nº e % de indivíduos	Escolaridade			
		Ensino Fundamental incompleto	Ensino Fundamental completo	Ensino Médio completo	Ensino Superior completo
20 a 40	2 (6,9%)	0%	0%	50%	50%
> 40 a 50	2 (6,9%)	50%	50%	0%	0%
>50 a 60	7 (24,1%)	57,1%	42,9%	0%	0%
>60	18 (62,1%)	61,1%	16,7%	22,2%	0%
Total	29 (100%)	62,1 %	20,7 %	17,2 %	3,4 %

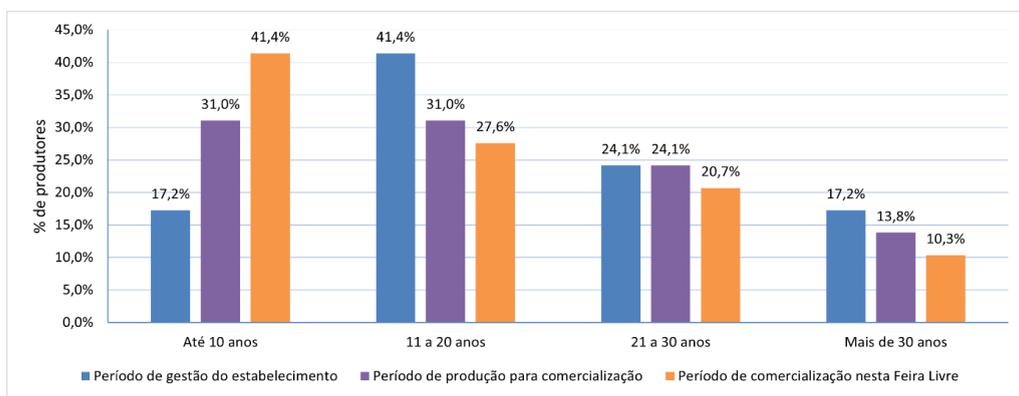
Fonte: Próprios Autores, 2022.

Os agricultores foram perguntados acerca do tamanho da área total do estabelecimento e o tamanho da área em que efetivamente há produção. Quase a metade (44,8%) produzem em estabelecimentos com área total menor do que 1,0 hectare (ha), e um pouco mais que a metade (58,6%) informaram utilizar uma área para a produção com menos de 1 ha. Os respondentes cujo tamanho do estabelecimento é de entre 1 a 5 ha foram 13,8% dos entrevistados e entre 6 a 10 ha foi o valor informado por 3,4% do total. Entre 11 a 15 ha é o tamanho do estabelecimento em que produzem 27,6% dos agricultores, mas apenas 13,8% informaram ocupar esta faixa de área com a produção. Nos referimos à área sob responsabilidade do produtor entrevistado e não do estabelecimento rural, pois há casos em que a área é cedida aos agricultores. O valor do módulo fiscal em Ilha Solteira é de 30 ha, de modo que nenhum dos produtores que comercializa na Feira Livre excede nem mesmo à metade deste valor. Os dados da distribuição do tamanho dos estabelecimentos rurais são semelhantes ao encontrado por Godoy e Anjos (2007), Thomé (2017) e Nakao (2021).

Identificou-se também, no levantamento, o período do qual os agricultores possuem a gestão do estabelecimento em que produzem, período de produção

nesta área com a finalidade de comercialização e período de atuação nesta Feira Livre (Figura 2). Observa-se neste conjunto que 41,4% dos agricultores comercializam há até 10 anos nesta Feira Livre; a mesma proporção destes agricultores possui a gestão do estabelecimento por um período de entre 11 e 20 anos, e no caso do tempo que produzem com a finalidade de comercializar, ambas as faixas de tempo (até 10 anos; e 11 a 20 anos) se destacam com 31% do total, cada uma. Há mais de 30 anos produzindo para comercialização e escoando a produção nesta Feira Livre estão a menor parte dos agricultores, respectivamente 13,8% e 10,3%. Apenas 10,3% dos pesquisados gerem o estabelecimento há mais de 30 anos, percentual semelhante ao dos que o fazem há menos de 10 anos. Deste modo, em contraste com a faixa etária elevada dos agricultores que comercializam nesta Feira Livre, encontra-se aqui a predominância de atores que produzem em seus estabelecimentos e comercializam há menos tempo na mesma. Também são mais frequentes os que produzem com a finalidade de comercialização há menos tempo (menos de 20 anos, nestes casos).

**Figura 2** – Distribuição percentual dos agricultores pesquisados, em função do tempo (anos) que possuem a gestão do estabelecimento, tempo (anos) que produzem neste para comercialização e tempo (anos) que comercializam na Feira Livre de Ilha Solteira-SP.



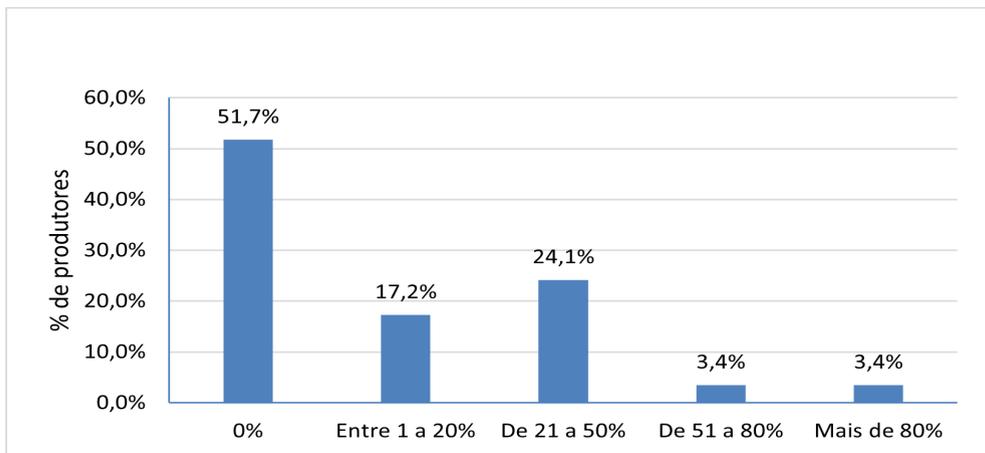
Fonte: Próprios autores, 2022.

Levantou-se com relação as práticas de comercialização dos feirantes qual é o percentual de produtos de intermediários no total de sua venda (Figura 3). A maioria não revende produtos (51,7%), alguns produtores eventualmente se utilizam desta estratégia, enquanto são poucos (6,8%) os agricultores que chegam a vender nesta feira mais que 51% de produtos obtidos de intermediários. Viegas (2016) também observou maior representatividade da venda de produtos

de produção própria, destacando que há casos em que as vendas de intermediários estão associadas a comercialização de produtos entre vizinhos, fato que caracteriza o aspecto da proximidade espacial nos circuitos curtos, conforme destaca Marsden *et al.* (2000).

A produção destes feirantes pode ainda dirigir-se a outras formas de comercialização, com maior frequência a venda para restaurantes (20,7% do total), outros feirantes (17,2% do total) e em banca própria na rua (13,8% do total). Anteriormente Froes e Sant'Ana (2019) realizaram semelhante estudo com as duas feiras que ocorriam em Ilha Solteira-SP entre dezembro de 2016 e março de 2017, ocasião em que 57,9% dos produtores afirmaram não possuir outra forma de comercialização, e, de forma semelhante, 51,7% dos agricultores que entrevistamos informaram não possuir outra forma de comercialização.

**Figura 3** – Distribuição percentual dos agricultores, em função da representatividade (%) de produtos de terceiros no total de sua venda, no município de Ilha Solteira-SP.



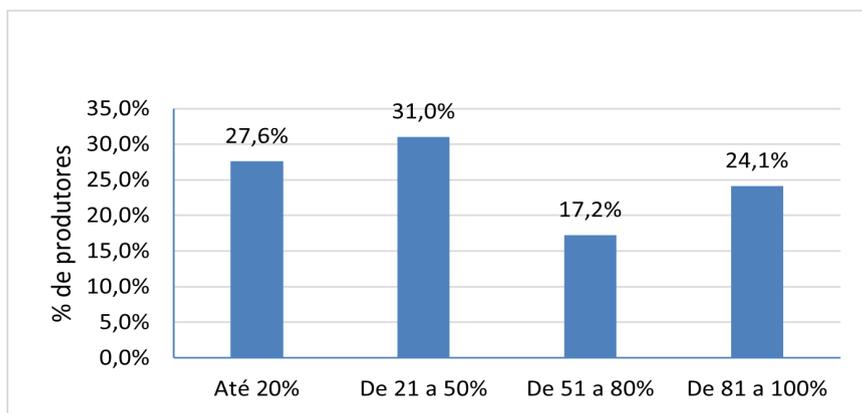
Fonte: Próprios autores, 2022.

Froes e Sant'Ana (2019) identificaram também as possibilidades de comercialização por meio da Conab, em residência ou na rua e para intermediários, sendo outras alternativas identificadas no presente trabalho. Característica da agricultura familiar, 93,10% informaram realizar autoconsumo (SCHNEIDER; CASSOL, 2013). Ribeiro *et al.* (2024) relatam a persistência do autoconsumo mesmo em condições de secas frequentes e severas, apontando ainda a diversidade de produção consumida, incluindo hortaliças, lavoura e criações de gado, frango e, com menor frequência, porco.

A compreensão da importância da agricultura e da comercialização na feira inclui conhecer a renda obtida pelos feirantes por meio da produção e desta forma de comercialização. O percentual de renda obtido através da propriedade pelos agricultores desta Feira Livre (Figura 4) não apresentou um perfil que se destacasse muito com relação aos demais, de modo que pouco mais que um quarto (27,6%) informou obter da produção até 20% da renda, quase dois terços (31%) informaram obter entre 21 a 50%, a faixa menos informada foi a de 51 a 80% (17% dos pesquisados) e quase um quarto (24,1%) informaram obter 81 a 100% de sua renda dessa forma.

Orientados por questionamentos semelhantes sobre a participação das vendas na feira livre em relação ao total agropecuária, em Jales-SP, dois terços dos feirantes afirmaram obter 81 a 100% da renda de sua propriedade, enquanto nenhum informou obter menos de 20% (NAKAO, 2021). Em um contexto de dificuldade de comercialização, com o recurso apenas eventual da venda em feiras, Ribeiro *et al.* (2024) identificaram a aposentadoria como a maior contribuição na renda de metade das famílias de agricultores familiares em uma população.

**Figura 4** – Distribuição percentual dos agricultores, em função da renda bruta agropecuária familiar, obtida por meio da propriedade, no município de Ilha Solteira-SP.



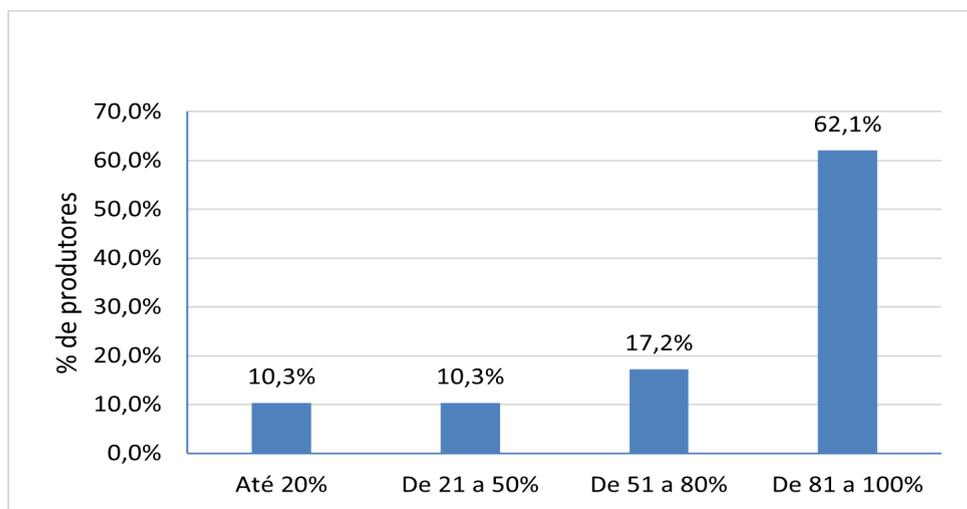
Fonte: Próprios autores, 2022.

As informações levantadas quanto ao percentual da renda total obtida pelos agricultores através da comercialização na Feira Livre de Ilha Solteira (Figura 5) indicam que somente 10,3% dependem bem pouco desta, que são os casos em que o valor obtido representa até 20% da renda agropecuária familiar; também 10,3% declararam que a renda auferida na Feira situa-se entre 21 a 50% da renda

Freitas *et al.*

familiar originária do estabelecimento; um percentual um pouco maior (17,2%) indicaram que entre 51 e 80% da renda agropecuária familiar é proveniente da comercialização na Feira; mas são predominantes os agricultores (62,1% do total) em que esta forma de comercialização representa de 81 a 100% da renda agropecuária familiar.

**Figura 5** – Distribuição percentual dos agricultores, em função da renda bruta agropecuária familiar, obtida por meio da comercialização na Feira Livre de Ilha Solteira-SP.



Fonte: Próprios autores, 2022.

Pereira *et al.* (2017) reportam, em um conjunto de agricultores que comercializam em feira livre, o percentual de 27% que obtém o total da renda por meio daquela atividade e 9% em que quase o total provém da feira. Estes autores destacam a limitação de qualquer tentativa de levantamento quantitativo da renda dos agricultores, uma vez que há vieses que dificultam tal objetivo, como a diversidade de fontes de renda, a diversidade e difícil mensuração da produção para autoconsumo e a sazonalidade da produção. Acrescenta-se aqui que há agricultores que ao receber esse questionamento explicitam seu raciocínio de cálculo, no qual nota-se que levam em conta gastos como o transporte até a feira, por exemplo. Essa observação desvela que por vezes os entrevistados podem informar valores de renda líquida, enquanto outros de fato informam a renda bruta, logo, mostra-se difícil consolidar este perfil.

Os dados levantados com relação ao perfil socioeconômico deste conjunto de agricultores conduzem a compreensão de que são atores da agricultura

familiar, uma vez que predomina a participação de indivíduos da família na produção, contando-se poucas vezes com a contratação de diaristas, bem como todos estes agricultores são minifundiários, nenhum deles possuindo propriedade maior que um módulo fiscal. Os atores inseridos neste espaço de comercialização são também considerados como atores inseridos em circuitos curtos de comercialização, uma vez que são identificados os aspectos de venda direta e proximidade espacial, tal qual os produtos comercializados são, na maior parte dos casos, originários de produção própria.

Medeiros *et al.* (2019) consideram que a expansão da agricultura familiar é importante para o desenvolvimento regional e para a segurança alimentar do país, impactando positivamente a economia com a ampliação da oferta de alimentos. Araújo e Ribeiro (2018) relacionam a relevância de as rendas dos feirantes fluírem nos circuitos econômicos locais, potencializando o comércio local nos dias de feira e ainda possibilitando a integração entre produtores, cooperativas e associações familiares com a inserção da agricultura familiar em circuitos produtivos.

Ao menos 145 produtos diferentes são ofertados na feira, dentre os quais 138 são produzidos pelos próprios feirantes, sendo 109 de origem vegetal, 13 de origem animal e 16 são processados. Sete (7) dos produtos comercializados na feira são apenas revendidos de terceiros, ainda que originários de outros produtores rurais. As culturas e criações mais recorrentes comercializadas por esse conjunto de agricultores estão elencadas por ordem de frequência no Quadro 1 (produção vegetal) e Quadro 2 (produção animal). A partir dos nomes populares informados pelos agricultores, os nomes científicos foram organizados com base na publicação "Flora e Funga do Brasil" (FLORA DO BRASIL, s/d), utilizando-se do sistema de classificação Angiosperm Phylogeny Group (APG IV, 2016).

Até 2008, pelo menos, a comercialização de hortaliças (alface, almeirão, cebolinha, couve, salsinha e rúcula), pelos produtores familiares do Cinturão Verde, era menos representativa nesta feira quando comparada a comercialização em supermercados e varejinhos (FURLAN JUNIOR *et al.*, 2012). Nas feiras livres em Jales, verificou-se que a alface é o produto mais procurado pelos consumidores (NAKAO, 2021).

**Quadro 1** – Distribuição (nº e %) dos produtos vegetais cultivados e comercializados na Feira Livre de Ilha Solteira-SP, pelos agricultores pesquisados.

Produto	Nome científico	Número de produtores	Percentual (%) de produtores
Mandioca	Manihot esculenta	23	79,31%
Cebolinha	Allium schoenoprasum L.	21	72,41%
Alface	Lactuca sativa L.	19	65,52%
Coentro	Coriandrum sativum L.	19	65,52%
Couve	Brassica oleracea L. var. viridis L.	19	65,52%
Rúcula	Diplotaxis eruroides (L.) DC.	18	62,07%
Salsinha	Petroselinum crispum (Mill.) Nyman ex A.W. Hill	17	58,62%
Limão cravo	Citrus limonia Osbeck	17	58,62%
Almeirão	Cichorium sp. L.	16	55,17%
Mamão	Carica papaya L.	14	48,28%
Banana (maçã, da terra, nanica, ouro, San Tomé, vermelha)	Musa sp. L.	12	41,38%
Abóbora (abobrinha, cabotiã, menina, paulista)	Cucurbita L. Duchesne	12	41,38%
Limão taiti	Citrus latifolia (Yu. Tanaka) Tanaka	11	37,93%
Quiabo	Abelmoschus esculentus (L.) Moench	11	37,93%

Fonte: Próprios Autores, 2022.

**Quadro 2** – Distribuição (n° e %) das espécies ou produtos animais produzidos e comercializados na Feira Livre de Ilha Solteira-SP, pelos agricultores pesquisados.

Criação/produto	Nome científico	Número de produtores	Percentual (%)
Frango, ovos	Gallus domesticus	17	58,62%
Porco	Sus domesticus	13	55,17%
Bovino (carne, leite)	Bos taurus	9	31,03%
Carneiro	Ovis aries	3	10,34%
Abelha (Mel)	Apis sp.	1	3,45%
Pato	Cairina moschata momelanotus	1	3,45%

Fonte: Próprios Autores, 2022.

Destaca-se no levantamento de culturas produzidas por estes agricultores a grande diversidade de olerícolas, contando com 55 diferentes espécies, sem considerar as variedades de cada espécie. Dentre estas, 12 são plantas medicinais e somadas ao hibisco, totalizam 13 espécies de uso medicinal nesta Feira. Quanto as espécies de fruta, a diversidade também é expressiva, abrangendo 31 culturas. Há ainda plantas de uso múltiplo, encontrando-se a moringa e a bucha (usada como olerícola) estas podendo inclusive ser consideradas plantas alimentícias não convencionais (PANC's; KINUPP; LORENZI, 2014), tal qual outras culturas aqui levantadas, como é o caso do melão-de-são-caetano e da taioba.

Neste canal de comercialização, a diversificação de produtos e agregação de valores aos produtos in natura são importantes para atrair o consumidor, também relevante é considerar os aspectos de sazonalidade para tais objetivos (FURLAN JUNIOR *et al.*, 2012), sendo no presente estudo encontrada ampla diversidade de produtos cultivados e comercializados. Em torno de um quarto (37) desses produtos são vendidos por um ou dois produtores; enquanto apenas 6,2% do total de produtos é comercializado por mais de 50% dos produtores, o que evidencia a estratégia dos agricultores de buscar a diversidade da oferta de produtos, sendo mais heterogêneo do que o observado por Medeiros *et al.* (2019) em uma feira no Nordeste.

Dentre as culturas informadas com maior frequência pelos produtores, destacam-se olerícolas, como mandioca, cebolinha, alface, coentro, couve, rúcula, salsinha e almeirão (todas com oferta envolvendo mais da metade dos

Freitas *et al.*

agricultores), e, dentre as frutas, o limão cravo (ou rosa) aparece com mais frequência (58,62% do total), como uma cultura apreciada por estes agricultores, o que pode ser devido as características desta variedade de tolerância à seca, boa produtividade e maturação precoce de frutos, em contrapartida é suscetível à gomose e ao declínio (SOMBRA *et al.*, 2016).

Citado com a mesma frequência que o limão cravo está o frango e galinha caipira, criações das quais exploram a comercialização de carne e ovos, respectivamente. No Estado de São Paulo, 27,8% dos estabelecimentos apresentam criação de galináceos e a avicultura familiar tem destaque enquanto “forma de resistência às pressões de um sistema agroalimentar globalizado” (GUELBERSALES *et al.*, 2013, p. 5). Aqui, de forma pouco expressiva, observamos também a oferta de patos, criação que é pouco representativa no cenário nacional (FIGUEIRA, 2009), mas que tem um nicho de mercado.

Reforça-se que a destacada diversidade de culturas e criações informadas pelos atores pesquisados potencializa a contribuição da Feira Livre de Ilha Solteira-SP e dos agricultores familiares para a comercialização de produtos agrícolas locais. Tal como constatado por Darolt *et al.* (2013) as propriedades que se inserem em circuitos curtos são mais diversificadas em sua amplitude de produtos de origem animal e vegetal.

A ampliação da diversidade de produtos ofertados é característica do fortalecimento deste espaço de comercialização tradicional e de valor cultural tão expressivo que são as feiras (DORTELMANN *et al.*, 2013; FARIA *et al.*, 2016). A diversificação de produção e oferta pode ser favorecida por inovações em políticas públicas integradas às soluções tradicionais e adaptadas às questões locais (RIBEIRO *et al.*, 2024).

### Considerações finais

A análise dos dados indicou que, entre os agricultores feirantes da Feira Livre de Ilha Solteira-SP, predomina aqueles com baixa escolaridade e na faixa etária de mais de 60 anos, além da maior presença de mulheres; aspectos que, com exceção da baixa escolaridade, são incomuns na literatura. Estes agricultores, em sua maioria, produzem em assentamentos rurais do próprio município, sendo que 82,8% moram em seus estabelecimentos rurais, sendo mais frequente dois residentes e também duas pessoas trabalhando na área. Todos possuem estabelecimentos menores que a metade do módulo fiscal do município, utilizam a maior parte do estabelecimento rural para produção, em sua maioria produzindo há menos de 20 anos e comercializando nesta feira há menos de dez anos.

Pouco mais da metade destes produtores (51,7%) comercializa unicamente na Feira Livre de Ilha Solteira e realiza apenas a venda de produção própria, sendo que quase todos utilizam também os produtos para o autoconsumo. O

perfil de renda dos agricultores a partir de sua produção é variado, mas no que se refere a comercialização na feira livre, quase dois terços (62,1%) obtém por meio desta entre 81 a 100% do total da renda bruta agropecuária.

Os dados encontrados no presente levantamento evidenciam que os agricultores que participam da Feira Livre de Ilha Solteira-SP se enquadram como agricultores familiares, cuja principal forma de comercialização ocorre em circuitos curtos, caracterizados, especialmente, pela venda direta ao consumidor.

Os agricultores mais frequentemente comercializam apenas produtos de origem vegetal, havendo uma parcela que vende produtos de ambas as origens (vegetal e animal) e uma quantidade reduzida é especializada na venda de produtos de origem animal. Em relação as culturas produzidas, constatou-se grande diversidade, especialmente de olerícolas, com destaque para mandioca, cebolinha, alface, coentro, couve, rúcula, salsinha e almeirão. A ampla diversidade de espécies cultivadas e criadas localmente é relevante para a qualidade da alimentação da população do município, além de atender preferências dos consumidores que não são encontradas em outros pontos comerciais da cidade.

A relevância de estudos que observem o perfil socioeconômico e de produção dos agricultores que comercializam localmente necessita ser destacada, cabendo conhecer ainda mais aspectos do que aqui foram levantados, por exemplo acerca de questões mais voltadas às técnicas de produção, às dificuldades de produção e comercialização, a aspectos relacionados à orientação técnica, à segurança alimentar. Outro aspecto importante é o acompanhamento da evolução da Feira Livre ao longo dos anos, para conhecer a dinâmica da agricultura e do comércio, e também, nesse caso específico, verificar se a pandemia do Covid-19 pode ter afetado de alguma forma o levantamento realizado na presente pesquisa.

A cultura da feira livre enquanto local dinâmico de comercialização e interação social resiste e renova a aliança necessária entre consumidores e agricultores familiares. Para tanto, a valorização e adesão por parte da população local é necessária. Além disso e para facilitar esse processo, é imprescindível que políticas públicas sejam aplicadas e fortalecidas para que a população tenha cada vez mais acesso a alimentos saudáveis e que estes não falem à sociedade como um todo. A articulação de mecanismos, como a Comunidade que Sustenta a Agricultura - CSA, pelo envolvimento de consumidores e produtores, pode ser uma ferramenta importante para alcançar estes objetivos.

## Referências

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 158 p.

APG, I.V. The linnean society of London. **Botanical journal of the linnean society**, v. 181, p. 1-20, 2016.

ARAÚJO, A. M.; RIBEIRO, E. M. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 26, n. 3, p. 561-583, 2018.

BRASIL. **Lei n. 11.326, de 24 de julho de 2006**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm). Acesso em: 24 fev. 2022.

CARVALHO, F. F.; GROSSI, S. F. A importância das feiras livres e seus impactos na agricultura familiar. **Revista Interface Tecnológica**, v. 16, n. 2, p. 226-234, 2019.

CASSOL, A.; SCHNEIDER, S. Produção e consumo de alimentos: novas redes e atores. **Lua Nova: revista de cultura e política**, p. 143-180, 2015.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2017. 208 p.

DAROLT, M. R.; LAMINE, C.; BRANDENBURG, A. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. **Revista Agriculturas**, v. 10, n. 2, p. 8-13, 2013.

DEL GROSSI, M. E.; MARQUES, V. P. M. A. Agricultura familiar no censo agropecuário 2006: o marco legal e as opções para sua identificação. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 18, n. 1, p. 127-157, 2010.

DEL GROSSI, M. E. A identificação da agricultura familiar no Censo Agropecuário 2017. **Revista NECAT-Revista do Núcleo de Estudos de Economia Catarinense**, v. 8, n. 16, p. 46-61, 2019.

DORTELMANN, J.; GEBAUER, J.; MAZON, T.; COSTA, T.; PEREZ-CASSARINO, J. Feira Agroecológica da agricultura familiar de Rio Bonito do Iguaçu, Paraná. **Cadernos de Agroecologia**, v. 8, n. 2, 2013.

FARIA, R. B.; BOTINI, N.; SOARES, F. S.; SOARES, J. A. G.; SILVA, M. L. Recursos genéticos vegetais comercializados na feira do produtor de Tangará da Serra, MT. **Biodiversidade**, v. 15, n. 3, 2016.

FIGUEIRA, T. A. **Fatores relevantes para o sucesso da avicultura de corte na agricultura familiar da Zona da Mata mineira: a percepção do produtor**. 2009, 133 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, 2009.

FLORA DO BRASIL. **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 03 jul. 2022.

FONTANA, A. P. C.; LIMA, R. S. As feiras da agricultura familiar como território de práticas alimentares e sociabilidades: compreendendo a relação feirante – freguês. *In: Third Internacional Conference Agriculture and Food in the Urbanizing Society*, 17-21 set. 2018, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: 2018.

FROES, D.; SANT'ANA, A. L. As feiras livres de Ilha Solteira (SP): Comercialização, orientação técnica, perfil socioeconômico e tecnológico dos produtores. *In: VIII Jornada de estudos em Assentamentos Rurais*, jun. 2019, Campinas, **Anais...** Campinas, 2019.

FURLAN JUNIOR, E.; COSTA, S. M. A. L.; ROSA, M. E.; PINOTTI, C. R.; SILVA, T. R. Aspectos da produção, canais de distribuição e abastecimento na cidade de Ilha Solteira-SP. **Revista Cultura Agronômica**, v. 21, n. 2, p. 93-108, 2012.

GARCIA, M. F. O segundo sexo do comércio: camponesas e negócio no Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 7, n. 19. Rio de Janeiro: Anpocs, 1992. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_19/rbcs19\\_08.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_19/rbcs19_08.htm).

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019, 248 p.

GODOY, W. I.; SACCO DOS ANJOS, F. O perfil dos feirantes ecológicos de Pelotas-RS. **Cadernos de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007, p. 1461-1465.

GRISA, C.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A “produção invisível” na agricultura familiar: autoconsumo, segurança alimentar e políticas públicas de desenvolvimento rural. **Agroalimentaria**, v. 16, n. 31, p. 65-79, 2010.

GUELBER SALES, M. N.; SOLER, M. M.; SEVILLA GUZMÁN, E. Estilos de avicultura: uma estratégia de resistência da condição camponesa. **Cadernos de Agroecologia**, v.8, p.1-6, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE **Área territorial brasileira 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Agropecuário**. 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censoagropecuario/censo-agropecuario-2017>. Acesso em: 24 fev. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo agropecuário 2017: resultados definitivos**. 2019. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3096/agro\\_2017\\_resultados\\_definitivos.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3096/agro_2017_resultados_definitivos.pdf). Acesso em: 24 fev. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, **Estimativas da população residente**, 01 jul 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/ilha-solteira.html> Acesso em: 24 fev. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE; ÓRGÃOS ESTADUAIS DE ESTATÍSTICA, SECRETARIAS ESTADUAIS DE GOVERNO E SUPERINTENDÊNCIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS – SUFRAMA. **PIB per capita**, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/ilha-solteira.html> Acesso em: 24 fev. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Regiões de Influência das Cidades** 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/redes-e-fluxos-geograficos/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?=&t=acesso-ao-produto> Acesso em: 24 mai. 2022.

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil**: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda., 2014. 745 p.

LIMA, E. D. **A feira livre na mediação campo-cidade**. 2012, 185 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

LIMA, A. F.; SILVA, E. A. IWATA, B. G. F. Agriculturas e agricultura familiar no Brasil: uma revisão de literatura. **Retratos de Assentamentos**, v. 22, n. 1, p. 50-68, 2019.

MALUF, R. S. J. **Segurança Alimentar e Nutricional**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MARSDEN, T; BANKS, J; BRISTOW, G. Food supply chain approaches: exploring their role in rural development. **Sociologia Ruralis**, v. 40, n. 4, p.424-438, 2000.

MARTINS, M. R.; SANT'ANA, A. L.; OLIVEIRA, L. R.; GONZAGA, D. A. SILVA, F. C. Práticas de Adubação Usadas Pelos Produtores Da Horta dos Aposentados E Possibilidades De Torná-las Agroecológicas. **Cadernos de Agroecologia**, v. 4, n. 1, 2009.

MEDEIROS, M. R. F.; SILVA, R. T. O.; LIMA, M. N.; SANTOS, A. B. M. V. Feira Agroecológica: Dificuldades e potencialidades de um circuito curto de comercialização. *In*: ANDREZA, R. S. **Saúde Pública em Tempos Pandêmicos**. 1ed.: Editora Omnis Scientia, 2021, v.1, p. 260-269.

NAKAO, D. C. C. **Feiras livres municipais como alternativa de comercialização dos agricultores familiares em Jales-SP**. 2021, 80 f. Tese – (Doutorado em Agronomia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, Ilha Solteira – SP, 2021.

NAKAO, D. C. C.; SANT'ANA, A. L. Certificação e circuitos curtos, caminhos possíveis para a sustentabilidade da agricultura familiar? O caso dos produtores de orgânicos do Território Noroeste Paulista. **Guaju**, v. 6, n. 1, p. 86-106, 2020.

PEREIRA, V.; BRITO, T.; PEREIRA, S. A feira-livre como importante mercado para a agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG). **Revista Ciências Humanas**, v. 10, n. 2, 2017.

RAMBO, A. G.; POZZEBOM, L.; VON DENTZ, E. Circuitos curtos de comercialização e novos usos do território: considerações sobre o PNAE e as feiras livres. **Revista Grifos**, v. 28, n. 46, p. 9-26, 2019.

RETIÈRE, M. I. H. **Agricultores inseridos em circuitos curtos de comercialização: modalidades de venda e adaptações dos sistemas agrícolas**. 2014, 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, Piracicaba – SP, 2014.

RIBEIRO, E. M.; GALIZONI, F. M.; CRUZ, G. C.; SILVA, K. A. Agricultura familiar e programas de abastecimento de água no gerais do Alto-Médio rio São Francisco, Minas Gerais. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 62, n. 4, p. e274867, 2024.

ROVER, J. O.; DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização como inovação social que valoriza a agricultura familiar agroecológica. *In*: ROVER, J. O.; DAROLT, M. R. **Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social**. Florianópolis: Estúdio Semprelo, 2021, p. 19-43.

SACCO DOS ANJOS, F.; BECKER, C. Agricultura familiar e mercados institucionais: o desenvolvimento como liberdade. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 45, n. 5, p. 107-118, 2014.

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. A agricultura familiar no Brasil. **Serie documentos de trabajo**, n. 145, 2013.

Freitas *et al.*

SCHNEIDER, S.; FERRARI, D. L. Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na agricultura familiar—o processo de realocização da produção agroalimentar em Santa Catarina. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 17, n. 1, 2015.

SILVESTRE, A. L. **Análise de dados e estatística descritiva**. São Paulo: Escolar Editora, 2007

SOMBRA, K. E. S.; SILVA, A. C. C.; LOUREIRO, F. L. C.; BASTOS, D. C. Citricultura desenvolvida na agricultura de base familiar do município de Russas, Ceará. **Cultura Agrônômica**, v.25, n.3, p.303-316, 2016.

SPECHT, S.; BLUME, R.; VON ENDE, M.; SOUZA, M. T. M. É dia de fazer feira na Universidade: análise do perfil do consumidor da Polifeira – UFSM. In: Third Internacional Conference Agriculture and Food in na Urbanizing Society, 17-21 set. 2018, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: 2018.

THOMÉ, C. **O uso de canais de distribuição curtos nas relações comerciais de agricultores familiares de Santa Rosa/RS – a feira livre**. 2017. 165f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas) – Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Cerrado Largo, Cerrado Largo – RS, 2017.

VIEGAS, F. S. **As feiras de pelotas contribuem com as cadeias curtas de produção?** Trabalho de Conclusão de Curso. 2016, 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Faculdade de Administração e Turismo, Pelotas – RS, 2016.

VIEIRA, B. C. **O fazer a feira: a feira noturna da agricultura familiar de Araraquara-SP como espaço de reprodução social e econômica**. 2017, 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Araraquara - SP, 2017.